

Situação hermenêutica e pesquisa em psicologia: desdobramentos metodológicos

Hermeneutical situation and research in psychology: methodological developments

Laiz M. S. Chohfi¹

Luis Gabriel Provinciatto²

Resumo O presente artigo explora a concepção de situação hermenêutica, tal como apresentada por Martin Heidegger (1889-1976) no *Relatório Natorp*, com vistas a apresentá-la como uma importante ferramenta metodológica para pesquisas em psicologia. Para tanto, em primeiro lugar, faz-se uma exploração bibliográfica do texto heideggeriano, expondo os três aspectos constituintes da situação hermenêutica, a saber, ponto de vista, perspectiva e horizonte. Posteriormente, explora-se bibliograficamente o amplo material que se produz em psicologia à luz da fenomenologia-hermenêutica com o propósito de, por um lado, construir um cenário geral a respeito da importância metodológica da situação hermenêutica e, por outro, como isso não implica na construção de verdades absolutas, mas no oferecimento de interpretações exploratórias e descritivas da experiência humana no mundo. Em terceiro lugar, apresenta-se possibilidades metodológicas a partir do uso da situação hermenêutica como ferramenta de pesquisa em psicologia; tais possibilidades se relacionam com um cuidado ético para que a visão de quem pesquisa não se sobreponha ao campo como se apresenta. Em conclusão, destaca-se como a situação hermenêutica oferece uma estrutura metodológica sólida e enriquece qualitativamente o repertório teórico-epistemológico das pesquisas em psicologia, ao mesmo tempo em que permite a quem investiga a adoção de uma postura crítica diante do que é investigado.

Palavras-chave: Situação hermenêutica; Pesquisa em psicologia; Fenomenologia; Martin Heidegger.

Abstract This paper explores the concept of hermeneutic situation, as presented by Martin Heidegger (1889-1976) in the “Natorp Bericht”, aiming to position it as a significant methodological tool for psychological research. Firstly, a bibliographical exploration of Heidegger's text is conducted, elucidating the three constituent aspects of the hermeneutic situation: namely, standpoint, perspective, and horizon. Subsequently, a bibliographic exploration of the extensive material produced in psychology is undertaken considering

¹ Professora Doutora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). É graduada e mestre também pela mesma instituição. É doutora em dupla-titulação em Psicologia pela USP e em Filosofia pela Universidade de Évora (Portugal). É docente universitária desde o ano de 2015, tendo lecionado disciplinas em graduação e especialização que se relacionam tanto com a teoria quanto com a prática a partir da fenomenologia existencial, inclusive como supervisora de estágio e orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso. Tem artigos publicados em periódicos indexados em plataformas nacionais e internacionais bem como capítulos de livro, além de participações em eventos em modalidade de conferência, uma delas inclusive tendo sido realizada à convite no Senado Federal.

² Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil) e em Filosofia pela Universidade de Évora (Portugal) na modalidade de doutorado cotutela para a dupla titulação. Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Desde 2022, professor da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com aulas nas Faculdades de Filosofia, Direito, Administração e Sistemas de Informação. Atualmente, desenvolve estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro sob a supervisão do Prof. Dr. Edgar de Brito Lyra Netto.

phenomenology-hermeneutics, with the dual purpose of establishing a general scenario regarding the methodological importance of the hermeneutic situation and, conversely, emphasizing that this does not entail the construction of absolute truths but rather involves providing exploratory and descriptive interpretations of human experience in the world. Thirdly, methodological possibilities arising from the use of the hermeneutic situation as a research tool in psychology are presented, focusing on ethical considerations to prevent the researcher's perspective from overshadowing the field as it presents itself. In conclusion, the paper highlights how the hermeneutic situation offers a robust methodological framework and qualitatively enriches the theoretical-epistemological repertoire of psychological research, simultaneously enabling the investigator to adopt a critical stance toward the subject of investigation.

Keywords: Hermeneutic situation; Psychological research; Phenomenology; Martin Heidegger.

Introdução

Como é de amplo conhecimento, o âmbito de intersecção entre Psicologia e Filosofia é vasto e, não raras vezes, resulta muito bem em um e outro aspecto para ambos os campos do saber. Uma dessas contribuições é metodológica e, em geral, pode ser percebida na aproximação entre Psicologia e Fenomenologia (cf. Moreira, 2010), mais especificamente, na abordagem da concepção de *situação hermenêutica*, tal como apresenta por Martin Heidegger (1889-1976), como possível ferramenta de trabalho para a pesquisa em Psicologia. A vigorosa afinidade entre Psicologia e Fenomenologia, especialmente na América Latina, sobretudo no Brasil, motiva a relevância de explorar discussões capazes de ventilar novas perspectivas na prática psicológica. Nesse sentido, o presente artigo busca destacar a estrutura da situação hermenêutica através de suas três coordenadas – ponto de vista (*Blickstand*), perspectiva (*Blickrichtung*) e horizonte (*Sichtweite*) –, enfatizando que elas estabelecem as condições fundamentais para a interpretação de algo.

Se, a partir da Psicologia que se alia à fenomenologia, compreende-se a pesquisa como uma interpretação possível daquilo que se mostra a partir de si mesmo, acompanhando a etimologia da palavra “fenomenologia” (cf. Heidegger, 1967, p. 27-39), então a situação hermenêutica pode ser de interesse para a construção de tais investigações por oferecer contorno e rigor metodológico à prática clínica e à pesquisa em Psicologia. Para tanto, faz-se necessário estabelecer um recorte epistemológico, uma vez que a relação entre a psicologia e a filosofia fenomenológica tem sido cada vez mais explorada. Em *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles: indicação da situação hermenêutica* (1922), mais conhecido como *Relatório Natorp* (*Natorp Bericht*), Heidegger caracteriza a estrutura da situação hermenêutica, sendo este o principal texto a partir do qual se

desenvolve o presente artigo. No entanto, dadas as características desse texto, melhor descritas no primeiro tópico do artigo, algumas pontuais menções a outras preleções de Heidegger desse período se farão necessárias.

Buscando evidenciar a situação hermenêutica como ferramenta de pesquisa em psicologia, este artigo, por meio de uma metodologia de exploração bibliográfica, inicia apresentando e caracterizando-a propriamente, contextualizando o texto no qual está descrita. Em seguida, aborda o modo de pesquisa que se forja em psicologia à luz da fenomenologia, mais precisamente da fenomenologia hermenêutica. Por último, discute possíveis usos e potencialidades dessa ferramenta para a pesquisa em psicologia, destacando contribuições específicas, como a descrição do ponto de partida da pesquisa, o acompanhamento dos movimentos da caminhada da investigação e a garantia de ética na pesquisa ao evitar a sobreposição do olhar do/a pesquisador/a sobre o que é pesquisado.

1. O texto e as características da situação hermenêutica

Antes de apresentar a situação hermenêutica de maneira propriamente dita, é necessário olhar para supracitado texto no qual ela aparece descrita: a elaboração do *Relatório Natorp*³ surge diante da possibilidade de Heidegger assumir um cargo de professor em duas Universidades alemãs, a de Marburgo e a de Göttingen, cujas vagas estavam sendo geridas respectivamente por Paul Natorp (1854-1924) e Georg Misch (1878-1965) (cf. Adrián, 2002, p. 105-109). Paul Natorp revela em uma carta a Husserl sua séria inclinação em considerar Heidegger para o cargo, porém, um ponto desfavorável era o fato de Heidegger não ter publicação relevante em fenomenologia. A partir dessa situação, dá-se a redação do referido *Relatório*, enviado tanto a Marburgo quanto a Göttingen com o intuito de preencher essa lacuna. Depois de ser preterido em Göttingen, Heidegger foi acolhido por Paul Natorp, em carta de 30 de outubro de 1922, sendo nomeado professor extraordinário em Marburgo em 18 de junho de 1923.

Em tal texto, delineia-se o propósito de uma investigação fenomenológica de textos seletos de Aristóteles – *Livro Z da Ética a Nicômaco*, *Livro A, 1-2 da Metafísica* e os *Livros A, B e Γ, 1-3 da Física* – no contexto da hermenêutica fenomenológica da facticidade, como afirma o próprio Heidegger ao longo do documento. Ressalta-se ainda que a referência a

³ Em 1989, tal texto foi publicado pela primeira vez no *Dilthey-Jahrbuch* e, posteriormente, foi incluído como um dos *Anexos* do volume 62 da *Edição Integral* das obras de Heidegger (2005, p. 341-399), *Interpretação fenomenológica de tratados escolhidos de Aristóteles sobre Ontologia e Lógica (Phänomenologische Interpretation ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik)*, que correspondem às preleções do semestre de verão de 1922.

Aristóteles e seus textos ocorre como parte de uma investigação em andamento e que, na verdade, já havia alcançado determinadas categorias fundamentais da vida fática nas preleções de 1921/1922, *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles: introdução à investigação fenomenológica* (Heidegger, 2011). Assim, o *Relatório Natorp* apresenta um programa filosófico que, por um lado, retoma o que já havia sido exposto em preleções anteriores e, por outro, aponta para sua continuidade, antecipando, de certa forma, a pergunta sobre o sentido de ser a partir do horizonte da hermenêutica da facticidade.

O início do *Relatório Natorp* demonstra a necessidade de apropriação da situação hermenêutica, que já é apresentada em suas três características fundamentais:

O conteúdo de cada interpretação – ou seja, o objeto temático no “como” do seu ser-interpretado – só se mantém em pé, se se explicitou com suficiente clareza a sua correspondente situação hermenêutica, a que cada interpretação é relativa, nas suas características. Uma interpretação tem sempre, em qualquer caso e seja qual for o seu âmbito temático e a sua pretensão de objetividade: 1) um ponto de vista [*Blickstand*], que se fixou e apropriou de modo mais ou menos explícito; 2) uma perspectiva [*Blickrichtung*], que dele parte, e segundo a qual se determina preconceitualmente o ser captado do objeto da interpretação “enquanto tal [coisa]” e “em que direção” deverá ser interpretado; e 3) um horizonte [*Sichtweite*], delimitado pelo ponto de vista e pela perspectiva, dentro do qual a exigência de objetividade da interpretação se move (Heidegger, 2005, p. 346-347, tradução nossa).

A distinção aí apresentada entre *ponto de vista*, *perspectiva* e *horizonte*, mais do que revelar a complexidade do processo interpretativo, indica a necessidade de se ter suficiente clareza na explicitação da (própria) situação hermenêutica, o que é de todo importante para a sustentação do conteúdo interpretado, uma vez que a situação hermenêutica é precisamente demarcada através da “*posição do olhar da interpretação; da direção da visão da interpretação; da visibilidade resultante*” (Santos, 2023, p. 477). De fato, essa é uma exigência metodológica, que, posteriormente, no §61 de *Ser e tempo*, irá reaparecer devidamente delineada:

O método autêntico se funda na visão prévia [*Vorblick*] apropriada sobre a constituição fundamental ou o âmbito do “objeto” a ser explorado. Uma reflexão metódica autêntica – que deve ser distinguida das discussões vazias da técnica – informa, por isso, simultaneamente, sobre o caráter ontológico do ente tematizado (Heidegger, 1967, p. 303, tradução nossa).

O método fenomenológico-hermenêutico não se assemelha a uma técnica a ser meramente aplicada visando obter esse ou aquele resultado. Como parte da própria investigação, deve-se situar o método, alcançando-o como uma possibilidade e não como um mero instrumento: “a escolha do método não é, assim, gratuita” (Von Zuben, 2011, p. 92). A própria situação do/a pesquisador/a se encontra implicada na pesquisa. Ao mesmo tempo, o próprio alvo da investigação reivindica um método de abordagem. No caso de Heidegger, a fenomenologia, como método, “se determina pela própria questão

fundamental da filosofia, qual seja, a questão do sentido do ser em geral ou, mais precisamente, a indagação sobre a unidade de sentido do ser, na multiplicidade de suas acepções” (Von Zuben, 2011, p. 92). De tal forma, precisar a *posição do olhar*, isto é, o *ponto* desde o qual se olha, é fundamental para determinar um campo de investigação: “o *ponto de vista* abarca o ‘a partir de onde’ a interpretação se realiza, ou seja, o respectivo modo de ser-aí [*Daseinsweise*] da situação de vida [*Lebenssituation*], na qual a interpretação se motiva” (Heidegger, 2005, p. 345, tradução nossa). Justamente por isso, o conteúdo de uma investigação fenomenológica nunca é neutro e isento de perspectiva, pois já assume uma posição preliminar – um *ter prévio* (*Vorhabe*):

Nisso se fundamenta o fato de que “às coisas elas mesmas” já não pode significar aqui: trazer diante da mente as coisas livremente, por si mesmas; trata-se, antes, de um específico modo de perguntar, que quer dizer: deixar vir ao nosso encontro aquilo sobre o que se pergunta, dentro de uma problemática prefigurada de um modo totalmente específico (Heidegger, 1994, p. 102, tradução nossa).

Nas preleções de 1923/1924, as primeiras em Marburgo, Heidegger (1994, p. 187) afirma que o *ter prévio* da investigação é o próprio ser-aí e a sua condição de ser. No âmbito do *Relatório Natorp*, o que está em causa para Heidegger é precisamente a hermenêutica da facticidade, ou seja, nesse caso, perguntar pelo *tér prévio* da investigação é o mesmo que elucidar “em qual sentido fundamental de *ser* a vida se coloca a si mesma” (Heidegger, 2005, p. 364, tradução nossa). Ao assim proceder, o/a investigador/a realiza “o salto de abertura para o caráter de adequação e de ligação objetuais do pesquisar filosófico, caráter que salta da execução do próprio questionar filosófico e da objetualidade nele intencionada” (Heidegger, 2011, p. 187). Ao pontuar sobre a importância da apropriação – “mais ou menos explícita” – do ponto de vista, a partir do qual se aborda e investiga determinado conteúdo, Heidegger indica que a responsabilidade de quem investiga é criar as condições propícias para a abertura, na qual o saltar-em-direção-a possa acontecer – “deixando o objeto saltar para você” (Santos, 2023, p. 478).

O ponto de vista, por sua vez, possui uma *direção*, uma *perspectiva*, “segundo a qual se determina preconceptualmente o ser captado do objeto da interpretação “enquanto tal [coisa]” e “em que direção” deverá ser interpretado” (Heidegger, 2005, p. 347, tradução nossa). Se o que está em jogo, para Heidegger, nesse momento, é a hermenêutica da facticidade, o que é previamente captado nessa investigação é o “[...] o ser-aí segundo seu ser, segundo suas possibilidades e os modos de seu ser” (Heidegger, 1994, p. 110). Ao abordar a perspectiva do olhar, então, exibem-se os modos pelos quais o ser-aí, em

sua facticidade, se dá a conhecer, “algo que se explicita na forma de um *logos* que indica tais modos não somente na perspectiva apofântica do ‘*Als-Was*’, mas também do ponto de vista do enquanto-come (*Als-Wie*), como maneiras efetivas de realização” (Santos, 2023, p. 480)⁴. Na verdade, algumas dessas modalidades já haviam sido explicitadas nas preleções de 1921/1922, destacando-se a categoria que descreve o sentido relacional da vida: o cuidar (*Sorgen*) (cf. Heidegger, 2011, p. 102-112; Heidegger, 2005, p. 352-354). Com isso, perguntar pelo *como* da existência em sua facticidade corresponde à “interrogação radical do movimento cuidadoso da facticidade” (Santos, 2023, p. 480).

A extensão que é agarrada/captada por esse ponto de vista devidamente perspectivado é o que, na situação hermenêutica, chama-se de *horizonte*, ou *concepção prévia* (*Vorgriff*), como nomeado em 1921/1922, ao discutir a apropriação da situação de compreensão da filosofia hodierna. Tal horizonte é “algo de que originariamente nós nos apropriamos” (Heidegger, 2011, p. 49), algo em relação ao qual conquistamos uma postura fundamental na qual a própria situação hermenêutica está devidamente implicada. Portanto, a apropriação do horizonte não corresponde a um “ter conhecimento” no sentido de ter recebido uma determinada “formação” específica. Trata-se, na verdade, de algo com o qual o ser-aí, na condição que lhe é própria, se relaciona originariamente. Por isso, se o ser-aí conhece algo na apropriação da situação hermenêutica, esse conhecimento só pode ser concebido como uma forma de comportar-se em relação ao que se apresenta, o que, por sua vez, ocorre como um movimento subsequente ao próprio movimento de compreensão e interpretação:

Conhecer é um apreender o objeto “como” objeto, e, assim apreendendo-o, determiná-lo. O determinar que apreende “diz” que, o que, e como é o objeto. O comportar-se, portanto, enquanto determinar que apreende, dizendo e abordando-o se até ao objeto, na medida em que este de algum modo “é” algo. Mantém-se a relação como um ente enquanto ente e sendo tal ente (Heidegger, 2011, p. 62).

A situação hermenêutica estabelece um alicerce para a compreensão fenomenológica da facticidade em seu acontecer originário, o que não inibe, mas, na verdade, convoca o movimento de conhecer a existência em seus modos fundamentais de ser. Esse movimento é ontológico, por excelência, pois visa o ser e não propriamente o ente, por isso, “a situação hermenêutica é exigida pelo próprio método fenomenológico hermenêutico” (Stein, 2016, p. 255). No contexto da psicologia, como se evidenciará a seguir, nota-se uma extensão dessa abordagem fenomenológico-hermenêutica,

⁴ A respeito da distinção na *estrutura-enquanto* (*Als-Struktur*) em *enquanto-que* (*Als-Was*) e *enquanto-come* (*Als-Wie*), ver: Paisana, 1992, p. 85-88; Graeser, 1993; Provinciatio, 2023, p. 94-106.

particularmente influenciada pelo pensamento de Heidegger. Essa modalidade de investigação em psicologia, no entanto, precisa ser melhor contextualizada para que a contribuição metodológica oferecida pela situação hermenêutica heideggeriana fique mais evidente.

2. O cenário geral da pesquisa em psicologia à luz da fenomenologia

Há muitas aproximações possíveis entre fenomenologia e psicologia: são tantas quanto o número de autores existentes numa e noutra área. Há aproximações com o pensamento de Husserl, assim como com o de Heidegger e pensadores que com eles detêm alguma relação, como é o caso de Hans-Georg Gadamer, Ludwig Binswanger e Medard Boss. Essa multiplicidade de enfoques e encontros é característica própria do modo de pesquisar em psicologia a partir da fenomenologia, que se apresenta em dispersão. Aqui, quer-se dar a ver o modo de investigar que tem relação com a fenomenologia hermenêutica heideggeriana.

Embora as perspectivas em Psicologia que têm como principal interlocutor o pensamento de Heidegger se utilizem, em geral, das mesmas obras – principalmente, *Ser e Tempo* e *Seminários de Zollikon* –, o modo de nomeá-las é diverso. Alguns pesquisadores a nomeiam como “Fenomenologia Existencial e Hermenêutica” (L. Szymanski, H. Szymanski & Fachim, 2019), “Fenomenologia Hermenêutica” (Frota, 2018; Silva & Barreto, 2020; Frota & Dutra, 2021; Chohfi, 2021) ou “perspectiva fenomenológico-hermenêutica” (Pietrani, 2022). Com a diferença das designações, quer-se, rigorosamente, precisar o enfoque que se dá à leitura dessas obras filosóficas.

Outra característica desse modo de investigar é que, salvo as que se dedicam a pensar metodologia de pesquisa (Feijoo, 2018; Frota & Dutra, 2021), as investigações nessa perspectiva, em geral, mesmo as teóricas, partem de fenômenos concretos: a infância (Frota, 2018), o pertencer a uma determinada escola e realidade social (L. Szymanski, H. Szymanski, & Fachim, 2019), o fenômeno da medicalização (Silva & Barreto, 2019) ou a experiência de ser estudante universitário (Chohfi, 2021). Mesmo os estudos teóricos, portanto, não são completamente abstratos. Busca-se sempre lançar luz a alguma questão concretamente enfrentada no mundo. Noutras palavras: a pesquisa em psicologia à luz da fenomenologia hermenêutica sempre se debruça sobre a experiência do ser humano no mundo.

Além disso, outro ponto marcante desse modo de pesquisar é o cuidado para evidenciar que aquela investigação é somente uma possibilidade de interpretação dentre

muitas outras possíveis. L. Szymanski, H. Szymanski e Fachim (2019), por exemplo, convocando Critelli (1996), abordam o que chamam de relatividade da verdade:

[...] a verdade depende do olhar do pesquisador e do modo como este pode interpretar o que a ele se apresenta. [...] o rigor da pesquisa [...] reside exatamente nisso: o “dado” é rigorosamente aquilo que se mostra para o pesquisador, levando-se em consideração o fato de que cada pesquisador foi construído historicamente de uma determinada maneira (Chohfi, 2021, p. 99).

Nessa direção, não se trata de um modo de pesquisar que tem em vista a construção de verdades absolutas ou afirmações incontestáveis sobre algo. Trata-se de um investigar que, partindo de especificidades e particularidades da realidade, pretende fomentar discussões sem a pretensão de generalizar as respostas que encontra. Nesse sentido, as pesquisas em psicologia, sob o olhar da fenomenologia hermenêutica, são muito mais um mergulho exploratório, descritivo e interpretativo do que conclusivo. Ambiciona-se explorar e apresentar reflexões acerca da experiência que se pôde recolher em campo, sendo esta composta pela experiência do/a próprio/a pesquisador/a e dos/as outros/as com quem estabeleceu contato.

Na medida em que não se quer comprovar ou refutar hipóteses previamente formuladas, dado que o caminho de pesquisa se constroi conforme o próprio caminhar, perguntar é infinitamente mais importante do que afirmar. As perguntas, por seu turno, nesse modo de investigar, são, em linhas gerais, de três tipos: a pergunta de pesquisa, as perguntas pelo caminho e as perguntas para o outro.

De acordo com Cabral e Morato (2019), a pergunta de pesquisa é a bússola da construção do caminho. Forjada a partir da experiência de quem conduz a pesquisa, é tendo-a como guia que a investigação se constrói. Ter uma pergunta-bússola é, no entanto, somente ter um sentido para onde se caminha ao longo da investigação. Não se trata de ter, como sinalizado anteriormente, um caminho pré-determinado a ser seguido e desenvolvido. No fundo, não se trata de ter uma técnica infalível de pesquisa:

Com isso, não basta adotar uma teoria ou uma técnica psicoterápica para ter garantida a sua efetividade, eficácia ou correta aplicação. Ainda que no âmbito de uma mesma teoria, de um parentizado comum a todos que compartilham, a experiência de estar com o outro, enfim, de ser-no-mundo, afasta qualquer possibilidade de se experienciar um modo-de-ser apartado da própria experiência. É na multiplicidade que nos constitui que se torna possível a abertura à distintas singularidades e alteridades do outro (Dutra, 2013, p. 208).

Já as perguntas que aparecem pelo caminho são aquelas que brotam do contato com o que vai se mostrando em campo. O quê, daquilo que se apresenta, faz com que se queira saber mais? O que convoca, solicita atenção de quem investiga? Aquilo que se apresenta afeta os/as pesquisadores/as, fazendo-os/as prosseguir por essa ou aquela via a

partir de um afeto que quer colocar a investigação em movimento. Chohfi (2021, p. 40-41) nomeia este afeto de *instigação*:

Instigar provém do latim *instigare*, que resulta, por sua vez, da junção de *in* (contra) e *stigo* (picar). É algo que “pica contra”, faz pensar em algo que é espetado em alguém. *Stigo* tem relação com a palavra *tigni*, também do latim. *Tigni* significa pedaço de pau/madeira. *Instigare* é, portanto, algo que pica alguém; é estimular, provocar. Instigação, então, nessa investigação, é um incômodo exigente de movimento. Tomando como empréstimo a estrutura que Heidegger (1993) utiliza para analisar o temor, eu dividiria a instigação em três partes: ante (1) algo instigante, sentimo-nos (2) instigados; essa instigação instiga a (3) nós mesmos. Algo instigador é o que, de alguma forma, convoca. Apresentando-se, enigmaticamente, como interessante, exige atenção.

Um último ponto a ser ressaltado como característico dessa modalidade de investigação em psicologia é a não-neutralidade do/a pesquisador/a. Se a pergunta-bússola é construída a partir da experiência de quem investiga, a pesquisa, em sua origem, já é “contaminada” por aquele/a que a conduz. Além disso, quando se vai a campo, sendo o campo material bibliográfico, uma instituição ou uma situação determinada, vai-se munido de todo o conhecimento acumulado ao longo dos anos, não se vai em busca de não “contaminar o material coletado”. É exatamente por saber bem de sua própria posição que, na leitura e releitura das entrevistas, analisadas como textos (L. Szymanski, H. Szymanski, & Fachim, 2019; Chohfi, 2021), os/as pesquisadores/as buscam rigorosamente deixar em evidência a voz do outro com quem conversam.

3. Das potências da situação hermenêutica como ferramenta de pesquisa

Conforme Prado et al. (2022, p. 1), rigor metodológico quer dizer método que garante a imparcialidade na experimentação, análise, interpretação e apresentação dos dados, além da evidenciação de todos os passos para que a pesquisa possa ser replicada em sua inteireza. Em geral, esse é o rigor imposto pela ciência à produção de conhecimento. Sem aqui cair no debate de se a Psicologia é ou não uma ciência, debate longo, antigo e complicado, o rigor proporcionado por um método fenomenológico-hermenêutico é qualitativamente outro: na direção oposta de determinada concepção de rigor científico, deixa-se abertamente explícita a não-neutralidade de quem pesquisa descrevendo, do começo ao fim, todos os passos da investigação, compreendendo que o campo se apresenta a partir de si mesmo, podendo conduzir a lugares e conteúdos não antes imaginados ou desejados pelo/a pesquisador/a. Nesse cenário, a pesquisa em psicologia à luz do método fenomenológico-hermenêutica, dá/constrói para si um conteúdo de investigação não como sendo algo isento de perspectiva, o que, porém, não implica em uma ausência de rigor. O rigor da investigação não deixa de estar vinculado

à percepção da posição do olhar e tudo o que ela implica, como se para haver rigor na pesquisa em psicologia houvesse a necessidade de suspender a posição do olhar de quem investiga.

É possível – muito provável, na verdade – que quem investiga enfrente dificuldades a partir desse modo de pesquisar. Se é necessário dizer daquilo que se mostra entendendo que não há neutralidade, muitas vezes pode-se cair no erro de dizer aquilo que *se acha* que se mostra ou, em outras palavras, a opinião ou posicionamento do/a pesquisador/a. É precisamente na garantia do rigor da pesquisa que a situação hermenêutica pode contribuir.

3.1 Entre rigor e ética: situação hermenêutica em ação

Dartigues (2005) vai dizer que a fenomenologia é uma espécie de distensão do tecido da consciência e do mundo para fazer aparecer seus fios, na descrição daquilo que se mostra a partir de si mesmo. Se a consciência também é distendida, compreende-se que o ser humano também é parte do que é descrito fenomenologicamente. Tomando a fenomenologia hermenêutica como aliada na pesquisa em Psicologia, pode-se inferir que quem investiga também é parte daquilo que é pesquisado. Nessa direção, não se busca isolar o ser humano, nesse caso, a figura daquele que investiga, do fenômeno que se quer investigar; ao contrário: este é, a partir de sua construção histórica no mundo, a razão pela qual essa ou aquela investigação se faz pertinente. A motivação para investigar tal temática por essa ou aquela via reside na história daquele/a que pesquisa. Portanto, quando se pesquisa a partir dessa perspectiva, não se busca neutralizar a presença de quem investiga: este é metodicamente exposto como parte do tecido distendido e descrito.

As coordenadas da situação hermenêutica favorecem a descrição do que proporciona, para quem investiga, essa ou aquela interpretação. Fornece subsídios e ferramentas para que se possa, no detalhe, descrever o ponto de partida da investigação: que pensa o/a pesquisador/a a respeito de tal tema? De que parte de sua história brota a necessidade de investigar essa temática? Quais são as interferências que essa história produz no campo que se quer pesquisar? Como se articula metodologicamente o olhar de quem pesquisa? Que recorte de horizonte já pode, de partida, enxergar? O/a pesquisador/a, se sabendo presente, pode perceber se essa ou aquela escolha metodológica favorece investigar determinada temática ou se é meramente uma forma de deixar evidente o que já pensa em forma de pesquisa. Acompanhar a situação hermenêutica permite, nessa direção, corrigir a rota, caso se faça necessário.

Além de precisar o ponto de partida, a situação hermenêutica ainda permite acompanhar os movimentos do caminho da investigação. É possível, tendo-a como componente metodológico, acompanhar e sinalizar as mudanças no caminho que se vai percorrendo – afinal o contexto da pesquisa em Psicologia da qual faz parte o trabalho de campo, o contato com os outros, a conversa, é fluido, se movimenta conforme se intervém, conforme se conversa. Acompanhando o campo com as coordenadas, se tornam mais evidentes as transformações que acontecem nas conversas que se têm ao longo do caminho a partir do olhar que reconhece no outro – sendo uma pessoa com quem se conversa ou um texto que se lê – seu próprio *ponto de vista*, sua própria *perspectiva* e seu próprio *horizonte*.

Nessa direção, a situação hermenêutica colabora com a ética em pesquisa: garante que o olhar de quem pesquisa não se sobreponha ao que se mostra, não fazendo com que o outro pareça dizer o que não disse. Ao se tornar evidente a situação hermenêutica de quem realiza a investigação, faz-se, ao mesmo tempo, a distinção da situação hermenêutica daquele/a com quem se conversa em campo. Embora ambas as situações – pesquisador/a e “pesquisado/a” – façam parte do campo da investigação, não há sobreposição entre as partes; a situação hermenêutica do/a pesquisador/a não se impõe sobre a daquele/a que contribui com a pesquisa, na medida em que, de posse das coordenadas, é possível localizar a um e outro.

Considerações finais

Em síntese, o presente trabalho destacou a situação hermenêutica como um alicerce metodológico na pesquisa em psicologia, especialmente quando alinhada à fenomenologia hermenêutica de Heidegger. A compreensão da pesquisa como um ato interpretativo, fundamentado nas coordenadas da situação hermenêutica, emergiu como um aspecto que confere rigor e delineamento à prática clínica e à investigação. Nesse cenário, o recorte epistemológico estabelecido, ressaltando a relevância do *Relatório Natorp* de Heidegger para estruturar a concepção de situação hermenêutica de maneira propriamente dita, foi fundamental, por um lado, para precisar a perspectiva aqui adotada a respeito da ampla relação entre Psicologia e Filosofia e, por outro, para evidenciar que esse modo de pesquisa em Psicologia requer não apenas uma compreensão específica, mas notadamente a apropriação da própria situação hermenêutica de quem investiga.

Nesse cenário, a não-neutralidade do/a pesquisador/a, reconhecida como intrínseca à pesquisa fenomenológico-hermenêutica em Psicologia, longe de

comprometer o rigor, se torna uma peça estruturante da própria investigação, possibilitando a explicitação da posição do olhar do/a pesquisador/a e a descrição minuciosa de sua presença no processo investigativo. Por isso, a situação hermenêutica, como ferramenta metodológica, não apenas fornece uma descrição detalhada do ponto de vista de quem investiga, mas permite o acompanhamento dos movimentos próprios da investigação, isto é, *como* as coordenadas de determinada situação hermenêutica se alteram, para qual *direção* e *captando* o que precisamente. Ao reconhecer a não-neutralidade, esta abordagem metodológica ainda contribui para a ética na pesquisa, evitando distorções e promovendo uma compreensão autêntica, embora não unívoca, da experiência humana.

Dessa maneira, ao ser assimilada como ferramenta metodológica na pesquisa em Psicologia, a situação hermenêutica não apenas solidifica suas bases teórico-epistemológicas, mas também enriquece qualitativamente a prática investigativa. Em última análise, a adoção dessa abordagem se mostra não apenas como um meio de investigação, mas como um compromisso ético com a autenticidade e a transformação na compreensão da complexidade da experiência humana.

Referências

- Adrián, J. E. (2002). Breve historia de un documento. In: Heidegger, M. *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles: indicación de la situación hermenéutica [Informe Natorp]*. Madrid: Trotta, 105-109.
- Cabral, B. E. B.; Morato, H. T. P. (2019). Redimensionando o valor da questão-bússola no horizonte da produção de conhecimento: para onde uma pesquisa pode apontar? In: Cabral, B. E. B.; Szymanski, L.; Moreira, M. I. B.; Schmidt, M. L. S. (Orgs.). *Práticas em pesquisa e pesquisa como prática: Experimentações em Psicologia*. Vol. 1. Curitiba: CRV, 85-104.
- Chohfi, L. M. S. (2021). *A permanência estudantil na Universidade de São Paulo: um estudo da situação hermenêutica*. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.47.2021.tde-13072021-173435. Acesso em: 2023-10-31.
- Critelli, D. M. (1996). *Analítica do sentido*. São Paulo: Brasiliense.
- Dartigues, A. (2005). *O que é fenomenologia?* São Paulo: Centauro, 2005.
- Dutra, E. (2013). Formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial: dilemas e desafios em tempos de técnicas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(2), 205-211. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735519009.pdf>
- Feijoo, A. M. L. C. (2018). Metà-hodós: da fenomenologia hermenêutica à

psicologia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(3), 329-339. DOI: <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.7>

Frota, A. M. M. C. (2018). Infância, filosofia da educação e fenomenologia: aproximações necessárias. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(1), 84-90.

Frota, A. M. M. C.; Dutra, E. M. S. (2021). Proposições para um método fenomenológico hermenêutico para a pesquisa de campo. *Revista Subjetividades*, 21(spe), 1-12. DOI: <https://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v21iesp1.e11305>

Graeser, A. (1993). Das hermeneutische 'als'. Heidegger über Verstehen und Auslegung. *Zeitschrift für philosophische Forschung*, 47(4), 559-572.

Heidegger, M. (1967). *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer.

Heidegger, M. (1994). *Einführung in die phänomenologische Forschung*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann.

Heidegger, M. (2005). Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles (Anzeige der hermeneutischen Situation). In: Heidegger, M. *Phänomenologische Interpretation ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 341-399.

Heidegger, M. (2011). *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles: introdução à pesquisa fenomenológica*. Trad.: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes.

Moreira, V. (2010). Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 723-731. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pe/a/xYbScCTJrv7hd7RXKsDsrBF/?format=pdf&lang=pt>

Paisana, J. (1992). *Fenomenologia e hermenêutica: a relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger*. Lisboa: Editorial Presença.

Pietrani, E. E. M. (2022). Suicídio e trabalho na era da técnica: um olhar sob a perspectiva fenomenológico-hermenêutica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 28(1), 93-103. DOI: <https://dx.doi.org/10.18065/2022v28n1.9>

Prado, I. M.; Sampaio, A. A.; Hermont, A. P.; Assunção, C. M.; Silva, K. D.; Diniz, M. G.; Perazzo, M. F.; Sousa, S. F.; Macari, S.; Mendes, S. R.; Martins Júnior, P. A. (2022). A importância do rigor metodológico. *Arquivos Em Odontologia*, 58, 1-2. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/arquiveomodontologia/article/view/38904>

Provinciatto, L. G. (2023). *Fenomenologia e teologia em Heidegger*. São Paulo: Ideias e Letras.

Santos, B. S. (2023). *A fenomenologia hermenêutica da vida fática de Martin Heidegger (1919-1923)*. São Paulo: LiberArs.

Silva, E. F. G.; Barreto, C. (2019). A tarja preta da medicalização: reflexões para a clínica psicológica. *Revista do NUFEN*, 11(1), 86-101. DOI: <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01artigo47>

Silva, E. F. G.; Barreto, C. (2020). Angústia como constitutiva da existência: ressonâncias para a clínica psicológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(2), 220-231. DOI: <https://dx.doi.org/10.18065/2020v26n2.9>

Stein, E. (2016). *Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. 2ed. rev. Ijuí: Unijuí.

Szymanski, L.; Szymanski, H.; Fachim, F. L. (2019). Interpretação como desocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa. *Pro-Posições*, 30, 1-25.

Von Zuben, N. A. (2011). A fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger. *Trans/Form/Ação*, 34(2), 85-102. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732011000200006>